



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PUBLICIDADE E
PROPAGANDA

Bianca de Oliveira Leão

FOTOETNOGRAFIA QUILOMBOLA: um olhar sobre as práticas agrícolas e a
resistência na comunidade Ribeira do Jambuaçu – Moju-PA

Belém – PA
2025



Bianca de Oliveira Leão

FOTOETNOGRAFIA QUILOMBOLA: um olhar sobre as práticas agrícolas e a resistência na comunidade Ribeira do Jambuaçu – Moju-PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda UFPA como requisito básico para a conclusão do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Marina Castro Ramos Neves

Belém – PA
2025

DEDICATÓRIA

Agradeço primeiramente à minha filha Luna Victória, por ser minha maior fonte de inspiração e alegria. Seu sorriso e seu carinho foram o combustível que precisei em tantos momentos de cansaço e desânimo. Ver você crescer e aprender me dá forças para seguir em frente, buscando sempre ser uma pessoa e um exemplo melhor. Cada conquista que faço é para você, e quero que saiba que essa etapa foi especialmente dedicada a você, para que se orgulhe de mim assim como eu me orgulho de você.

Aos meus pais, Edevandro Leão e Dilene Leão, expresso minha mais profunda gratidão. Vocês são os pilares que sustentaram essa caminhada, oferecendo todo o apoio, incentivo e amor incondicional. Desde o início, vocês acreditaram em mim e, com seus exemplos de perseverança e dedicação, me mostraram o valor de lutar por meus sonhos. Obrigado por cada palavra de apoio, e, principalmente, por nunca desistirem de mim, mesmo nos momentos mais difíceis.

Aos meus irmãos, Edevandro Junior, Eliton Vitor e Brenda Rayana, que sempre estiveram ao meu lado, agradeço pela cumplicidade e pelo incentivo. Vocês foram meus companheiros de jornada, compartilhando desafios, alegrias e ensinamentos. A nossa união foi essencial para que eu pudesse superar as dificuldades e seguir em frente. Cada conselho, cada palavra de carinho e cada risada ao longo do caminho tornaram essa trajetória muito mais leve e significativa.



AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professores e orientadora, que compartilharam seus conhecimentos e me guiaram com sabedoria e paciência. Obrigada pela dedicação e pelos ensinamentos que levarei para a vida toda.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Este TCC é o resultado de um esforço coletivo e da força que recebi de todos vocês. Sem vocês, esse momento não teria o mesmo significado, que representa não só a conclusão de uma etapa, mas também a concretização de um sonho que só foi possível graças ao apoio e incentivo de todos vocês. Muito obrigada

RESUMO

Este estudo utiliza a fotoetnografia para documentar e analisar as práticas agrícolas e a resistência cultural da comunidade quilombola ribeira do Jambuaçu, em Moju. A pesquisa destaca a importância da fotografia como ferramenta de registro e valorização da memória coletiva, permitindo uma compreensão mais profunda da relação entre os quilombolas, sua terra e suas tradições. Através das imagens, evidencia-se como o cultivo da mandioca, a produção artesanal de farinha e outros aspectos do cotidiano representam formas de resistência e reafirmação da identidade quilombola. O estudo ressalta a relevância da fotografia como instrumento político e social, contribuindo para a preservação e visibilidade da cultura quilombola no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Fotoetnografia, Resistência Cultural, Práticas Agrícolas, Memória Coletiva, Identidade Quilombola, Fotografia.

ABSTRACT

This study employs photoethnography to document and analyze the agricultural practices and cultural resistance of the ribeira do Jambuaçu quilombola community in Moju. The research highlights the significance of photography as a tool for recording and valuing collective memory, offering a deeper understanding of the relationship between the quilombolas, their land, and their traditions. Through images, the study reveals how cassava cultivation, artisanal flour production, and other aspects of daily life serve as forms of resistance and reaffirmation of quilombola identity. The study emphasizes the role of photography as a political and social instrument, contributing to the preservation and visibility of quilombola culture in Brazil.

KEYWORDS: Photoethnography, Quilombolas, Cultural Resistance, Agricultural Practices, Collective Memory, Quilombola Identity, Photography.

Introdução

A comunidade da Ribeira do Jambu-Açu, fundada em 26 de novembro de 2006 e registrada oficialmente em 1º de fevereiro de 2007, constitui um espaço de resistência e preservação cultural. Localizada na região de Ribeira Baixo Moju, está organizada por meio da Associação Quilombola Oxóssi, entidade central para a articulação e fortalecimento dos quilombolas. De acordo com o censo de 2022, a comunidade é composta por 208 pessoas, distribuídas em 62 famílias, o que evidencia a continuidade e a vitalidade da presença quilombola na região.

A trajetória histórica dessa comunidade é marcada pela luta pela preservação de suas tradições, direitos territoriais e pela busca por um futuro baseado no conceito de bem viver, que integra autonomia, justiça social e harmonia com a natureza. Ao longo dos anos, os quilombolas da Ribeira do Jambu-Açu têm desempenhado um papel ativo na preservação ambiental, utilizando saberes ancestrais para manter práticas agrícolas sustentáveis. Essas ações não apenas reforçam a identidade da comunidade, mas também garantem a perenidade de suas práticas e tradições, reafirmando a resistência quilombola como um modelo de resiliência cultural e ambiental frente aos desafios contemporâneos.

A comunidade representa um importante patrimônio cultural e social, cuja história é marcada pela luta contínua pela manutenção de identidade e tradições. Mais do que um espaço geográfico, trata-se de um território simbólico, onde saberes ancestrais, práticas culturais e memórias coletivas são preservadas e transmitidas, reafirmando sua relevância na valorização da história e da identidade quilombola.

Nesse contexto, a fotografia emerge como uma ferramenta fundamental para o registro e a expressão de narrativas que ressignificam realidades frequentemente invisibilizadas (Andrade; Castro, 2024). No quilombo Ribeira do Jambu-açu, ela se configura como um meio de investigação e representação, ampliando o olhar sobre as práticas agrícolas e os modos de vida que sustentam a identidade da comunidade. Ao documentar essas dinâmicas, busca-se não apenas evidenciar a riqueza cultural e histórica do quilombo, mas também contribuir para o fortalecimento de seu

reconhecimento social. Assim, a fotografia transcende sua função estética, assumindo um caráter político e transformador (Vieira; Castro, 2022), ao valorizar a memória coletiva e reafirmar a importância da resistência quilombola na construção de sua própria história.

Desde sua origem, a fotografia tem sido compreendida como uma extensão do olhar humano, permitindo não apenas a fixação de imagens, mas também a preservação de memórias e histórias que, de outra forma, poderiam se perder no tempo. Mais do que um registro técnico, ela se configura como uma linguagem visual capaz de traduzir relações, sentimentos e vivências.

No contexto da comunidade quilombola, o ato fotográfico se estende para além do indivíduo (Castro *et al.*, 2022), capturando não apenas os laços que unem seus membros, mas também sua interação com o território, elemento essencial para a manutenção de sua identidade (Santa Brígida; Castro, 2023). Dessa forma, cada imagem se torna um testemunho visual da resistência e da relação simbiótica entre as pessoas e o ambiente que as cerca procurando fazer uma “etnografia que se pretende sensível” (Castro, 2024, p. 36), com os pés na terra, conhecendo os gestos e os esforços demandados por esses gestos, conhecendo as trocas e os saberes que pautam as vivências e as experiências da comunidade da Ribeira do Jambu-Açu, e por isso, trago a fotografia, perfazendo assim, uma fotoetnografia no contar a cultura do outro e a minha cultura.

A etnografia tem como proposta estudar os grupos sociais, assim como características culturais e do cotidiano. No entanto, quando se alia a fotografia aos estudos etnográficos, no qual a fotografia é o elemento principal surge a fotoetnografia, junção dos dois termos. Possibilitando estudos socioculturais através de registros fotográficos (Boni, Moreschi, 2007, p.138).

Dessa maneira desenvolvo esse trabalho, vivenciando, experienciando, compartilhando com uma câmera na mão e a imagem como constructo, está fotoetnografia sensível.

A Fotoetnografia na Comunidade Ribeira de Jambu-Açu

A trajetória da comunidade Ribeira do Jambuaçu é moldada pelo trabalho árduo e pela resistência herdada de gerações passadas, que transformaram a terra em sustento

e identidade. O cultivo da mandioca, a produção artesanal da farinha e os caminhos percorridos entre roçados e vilas não são apenas práticas cotidianas, mas expressões vivas de um legado que se mantém apesar dos desafios. Nesse contexto, a fotografia assume um papel que vai além do registro visual: ela se torna um meio de acesso à essência da comunidade, revelando não apenas gestos e rotinas, mas a força coletiva que sustenta suas tradições. Cada imagem capturada é um testemunho da luta pela preservação da identidade quilombola, reafirmando sua história e sua permanência no território.

A agricultura na comunidade transcende a função produtiva e se revela como um ato de resistência e afirmação identitária. Cada etapa do cultivo da mandioca carrega saberes transmitidos ao longo de gerações, preservando técnicas que garantem não apenas o sustento, mas também a continuidade de um modo de vida enraizado no território. Os caminhos percorridos entre roçados e casas são marcados pelo esforço de quem carrega, além do peso da colheita, a história de luta por reconhecimento e permanência. Nesse contexto, a fotografia se torna uma janela para essa realidade, permitindo que cada imagem registre não apenas o trabalho, mas também a força e a resiliência daqueles que, diariamente, transformam a terra e reafirmam sua existência.

A fotoetnografia se estabelece, portanto, como um meio indispensável para evidenciar essa realidade, permitindo que as imagens expressem nuances e significados que muitas vezes escapam às palavras. Como observa Barthes (1984), a fotografia não se limita a refletir o real, mas o inscreve, ativando memórias e sensações que atravessam o tempo. Nesse contexto, cada registro fotográfico desta pesquisa se configura como um testemunho visual da relação profunda entre a comunidade e seu território. Nos traços da paisagem e nos gestos cotidianos, revela-se a força de uma identidade construída e reafirmada na vivência diária, tornando a fotografia um elemento ativo na valorização e preservação dessa história.

Cada fotografia é um convite à imersão em um universo que transcende a paisagem visível. Mais do que um recorte da realidade, ela revela a dignidade presente no trabalho, a beleza preservada nas tradições e a resiliência de um povo que resiste, adapta-se e segue semeando seu futuro. O olhar atento do observador pode captar, nos



gestos cotidianos e nas expressões marcadas pelo tempo, a força de uma comunidade que transforma desafios em continuidade.

A terra, por sua vez, carrega em si a memória de quem a trabalha. Suas camadas de solo guardam vestígios de histórias, testemunham mãos calejadas que nela depositam esperança e devolvem, em frutos, o sustento da comunidade. Na Comunidade Ribeira do Jambuaçu, essa relação ultrapassa a lógica da produção; ela se traduz em pertencimento e identidade. Cultivar a terra não é apenas um ato econômico, mas um compromisso ancestral, um vínculo que resiste ao tempo e se fortalece a cada nova geração que dá continuidade a esse legado.

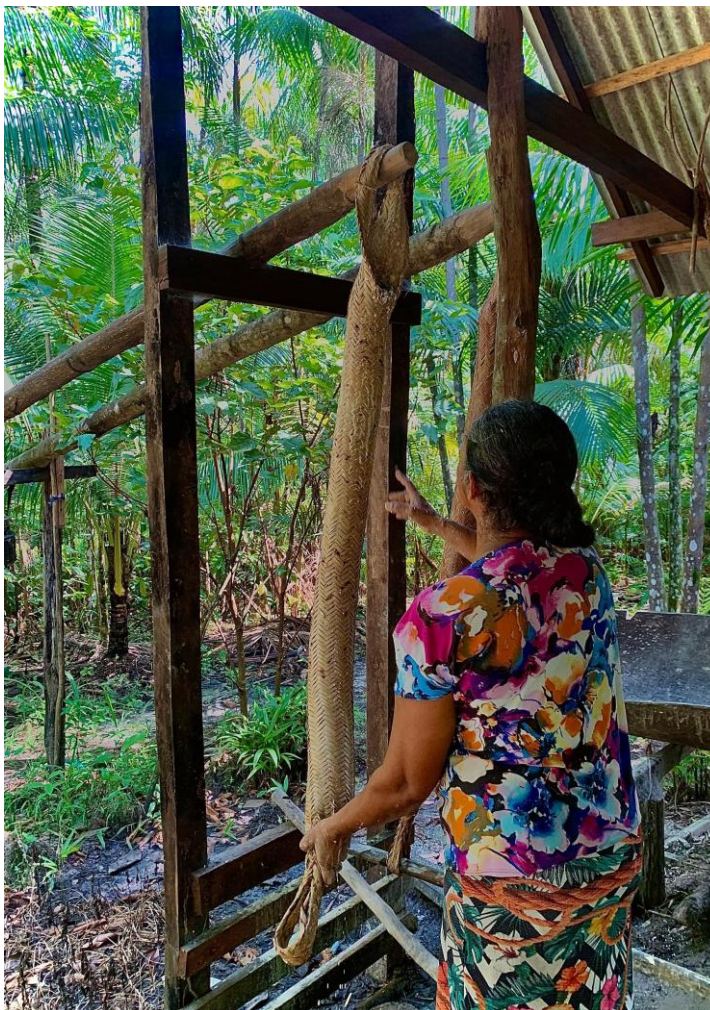
Mais do que registrar imagens, buscamos compreender, sentir e respeitar cada trajetória. A fotografia se torna um meio para contar a história da comunidade da forma que ela merece ser contada: a partir de dentro, com sensibilidade e legitimidade. A cultura quilombola não é um vestígio do passado, mas uma presença viva que resiste, se reinventa e se fortalece a cada dia. É uma força pulsante que segue construindo identidade, mostrando que a memória não se limita ao que foi, mas também ao que continua sendo.

Reconhecer a cultura quilombola como parte essencial do patrimônio brasileiro é um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, diversa e inclusiva. A trajetória dessas comunidades é marcada pela resistência à opressão e pela luta contínua por direitos, mas também pela preservação de um legado que atravessa gerações. Os conhecimentos tradicionais, as práticas agrícolas e os modos de vida transmitidos ao longo do tempo não apenas enriquecem a identidade cultural do Brasil, mas evidenciam a importância de valorizar e respeitar aqueles que mantêm viva essa história.

As imagens a seguir registram cenas do cotidiano quilombola, revelando como trabalho, cultura e identidade se entrelaçam em cada gesto. A fotografia permite enxergar, nos detalhes da paisagem e nas expressões dos moradores, a força da tradição e a permanência da luta pela terra. A mandioca, presente em diversas etapas da vida comunitária, vai além de sua função como alimento: ela simboliza continuidade e resistência. Cada colheita reafirma a conexão entre passado e futuro, e o território, mais

do que um espaço físico, representa pertencimento, memória e a reafirmação de uma identidade que persiste.

1ª Imagem – Senhora com o Tipiti: A Sabedoria no Gesto



Fonte: Bianca Leão

Nesta imagem, observamos uma senhora manipulando o tipiti, uma ferramenta essencial na produção artesanal de farinha de mandioca, transmitindo, com cada movimento, uma técnica ancestral que atravessa gerações. Seu olhar atento e a firmeza de suas mãos revelam a profundidade do saber preservado ao longo do tempo, destacando o respeito por um processo que não apenas sustenta a vida, mas também simboliza a autonomia alimentar. O tipiti, mais do que um instrumento, representa a conexão dos quilombolas com seu território e com as práticas que garantem sua sobrevivência. Como Scott (2008) sugere, essas práticas diárias, muitas vezes

silenciosas, são, de fato, formas de resistência invisíveis que desafiam os sistemas dominantes e afirmam a identidade do grupo.

O ambiente ao redor reforça a ideia de coletividade e pertencimento, onde o trabalho se entrelaça com o cotidiano e com a manutenção da cultura. A imagem não apenas documenta o preparo do alimento, mas revela um processo carregado de história, luta e resiliência. Cada fibra do tipiti, cada gesto da senhora, está imbuído de narrativas de resistência que, mesmo discretas, reafirmam o laço profundo com o passado e a continuidade dessa herança. Feito de palha natural, o tipiti não é apenas uma ferramenta prática, mas um elo simbólico entre as tradições indígenas e quilombolas, conectando passado e presente, e servindo como um testemunho de uma sabedoria que resiste ao tempo e se mantém viva no cotidiano.

2ª Imagem – Conexão Entre Terra e Quilombolas



Fonte: Bianca Leão

O homem cortando uma maniva com sua roupa, marcada pelo suor, é um reflexo do esforço físico envolvido na colheita, que vai além da simples tarefa de plantar e colher — ela sustenta a vida de sua família e preserva práticas que vêm sendo passadas de geração em geração. Essa imagem não apenas ilustra a importância do cultivo para a sobrevivência, mas também destaca o orgulho e a dignidade do trabalho no campo. Como Freire (1987) defende, o trabalho rural não é somente uma atividade de subsistência, mas um ato político, de resistência e de afirmação cultural, no qual cada gesto está imbuído de um significado profundo sobre a autonomia e o pertencimento.

O ambiente ao redor, repleto de manivas e signos da colheita, reforça a ideia de um espaço que se reconstitui após cada ciclo, um território que resiste ao tempo e se reconfigura com a ação de quem o habita.

A agricultura familiar tradicional, longe de ser apenas uma fonte de sustento, é uma forma de resistência contra a marginalização histórica e uma afirmação da identidade e da cultura quilombola. Nesse contexto, a mandioca se torna não apenas alimento, mas um símbolo de luta e de resiliência, sustentando corpos que se recusam a ser apagados ou esquecidos.

3ª Imagem – O Trabalho na Roça



Fonte: Bianca Leão

Nesta fotografia, duas pessoas compartilham um momento de conversa em meio a uma roça de mandioca quase madura, observando a plantação com um olhar atento e tranquilo. Esse simples gesto de diálogo no campo reflete a importância crucial da agricultura de subsistência, que sustenta tanto a economia quanto a autonomia alimentar das comunidades quilombolas. O cultivo da mandioca, longe de ser uma atividade isolada ou puramente utilitária, é uma prática que carrega consigo dimensões políticas e culturais. Ele representa um vínculo profundo com a terra, uma conquista que se renova a cada ciclo.

A imagem transmite não apenas a tranquilidade de um momento de pausa, mas também a intensidade de um processo que envolve muito mais do que o simples ato de cultivar. A mandioca, além de alimento essencial, é um elo entre o passado e o presente, sendo transformada em farinha, polvilho, tucupi e goma de tapioca, produtos que revelam a sofisticação do conhecimento tradicional e sua capacidade de sustentar a autonomia da comunidade. O cultivo da mandioca, portanto, não é apenas uma ação econômica, mas um resgate da memória ancestral e uma afirmação da continuidade de práticas que resistem ao tempo e às pressões externas.

A luta da comunidade, embora centrada na preservação de suas terras, enfrenta desafios muito além do campo agrícola. O desmatamento crescente e a falta de reconhecimento oficial de seu território são obstáculos reais e constantes. No entanto, as vitórias que a comunidade conquista, como a continuidade das práticas agrícolas sustentáveis e a resistência diante de adversidades, evidenciam a força e a coesão do grupo. A colaboração mútua e a interdependência dentro da comunidade são elementos essenciais não apenas para a sobrevivência, mas para a preservação de uma cultura que, apesar das dificuldades, permanece firme e se renova constantemente.

4ª Imagem – Casa de Farinha: O Coração da Comunidade



Fonte: Bianca Leão

A casa de farinha, retratada nesta fotografia, é muito mais do que um simples espaço de produção: ela surge como um local onde o tempo adquire outro significado. A estrutura modesta, construída de madeira e telhas, carrega uma simbologia profunda, que vai além de sua função utilitária. Ali, as histórias de vida se entrelaçam com o som das ferramentas em movimento, e o aroma da mandioca torrada mistura-se com o calor do forno, criando uma atmosfera de trabalho coletivo e de pertencimento. Esse ambiente, com sua simplicidade acolhedora, é impregnado de memórias, onde cada gesto tem um peso cultural e emocional.

O processo dentro da casa de farinha é intrinsecamente coletivo, transformando a mandioca em farinha e outros produtos essenciais. Cada membro da família contribui de maneira única, seja ralando a mandioca, mexendo a farinha ou cuidando do fogo. Ao observar essa cena, somos transportados para dentro desse espaço, onde o calor do fogo se mistura com os sons do trabalho, e onde, entre risos e conversas, se cria uma cumplicidade que fortalece o vínculo entre os indivíduos.

Mais do que um local de fabricação, a casa de farinha se torna um centro de troca de saberes e de fortalecimento. Ela é um símbolo da resistência cultural e econômica dos quilombolas, que, por meio dessa prática, afirmam sua herança africana e sua capacidade de adaptação ao longo do tempo. As casas de farinha, presentes em tantas comunidades quilombolas, são elementos-chave na preservação da identidade cultural. Isso reforça a necessidade urgente de políticas públicas que não apenas protejam os territórios, mas também as estruturas que sustentam seus modos de vida, garantindo que essa resistência e esse legado possam continuar a ser transmitidos pelas gerações futuras.

5ª Imagem – A Resistência da Terra: A Mandioca e o Solo Queimado



Fonte: Bianca Leão

A imagem da mandioca brotando no solo queimado carrega uma simbologia poderosa, marcando o momento de colheita e o renascimento da terra. O contraste entre a terra chamuscada, com restos de plantas carbonizadas ao redor, e o verde vibrante das manivas, é um reflexo da resiliência e da renovação que caracterizam tanto o ciclo agrícola quanto a própria vida das comunidades quilombolas. A terra, que sofreu a ação do fogo, revela sua capacidade de regeneração, demonstrando a força da natureza e a habilidade dos agricultores em restaurar e transformar o espaço que cultivam.

Essa cena evoca a relação profunda entre o povo quilombola e seu território, uma relação que é marcada por respeito e uma constante adaptação às exigências do ambiente. A agricultura, nesse contexto, se apresenta não apenas como uma prática de sustento, mas como uma ferramenta de resistência. Ela é fundamental para garantir a soberania alimentar da comunidade. A imagem da mandioca brotando simboliza, portanto, mais do que um simples ciclo agrícola; ela representa a luta pela autonomia e a persistência diante dos desafios impostos por fatores externos, como a marginalização e os impactos ambientais.

6ª Imagem – O Cesto e o Peso da Colheita



Fonte: Bianca Leão

O paneiro trançado, cheio de mandioca, repousa no chão, absorvendo a luz filtrada pela vegetação. As sombras criam uma atmosfera serena, mas carregada de significado. Esta imagem vai além do simples registro da colheita; ela carrega consigo o peso simbólico do trabalho quilombola, refletindo não apenas o esforço físico da colheita, mas a dedicação e o vínculo profundo com a terra.

O uso do paneiro, tradicionalmente utilizado para o transporte e armazenamento da mandioca, é um reflexo de um modo de vida baseado na sustentabilidade e no respeito pelos recursos naturais. O fato de ele ser feito de palha trançada, material facilmente encontrado na própria natureza, revela o profundo conhecimento que as comunidades quilombolas têm de seu ambiente e da forma como utilizam os recursos de maneira sábia e eficiente. Olhar para essa cena nos faz sentir o toque áspero da palha, o cheiro terroso da mandioca recém-colhida e até mesmo o cansaço do trabalho completado, como se pudéssemos, por um momento, vivenciar essa experiência de forma sensorial.

Esse processo de utilizar materiais naturais na confecção dos cestos também simboliza a conexão entre o povo quilombola e a terra que cultivam. É um testemunho da relação harmônica e respeitosa que essas comunidades mantêm com seu ambiente, onde o trabalho não é apenas uma necessidade, mas um elo profundo com as gerações anteriores e com a terra que sustentam. Esse conhecimento sobre a natureza, presente na escolha dos materiais e nas práticas cotidianas, reforça a ideia de um modo de vida que resiste ao tempo, mantendo-se fiel às suas raízes e à sua identidade.

7ª Imagem – A Roça de Mandioca em Transição



Fonte: Bianca Leão

A imagem capturada transmite de forma clara os ciclos da vida, ilustrando uma roça de mandioca em pleno crescimento. A cena, à primeira vista, evoca um sentimento de renovação, com troncos finos emergindo do solo fértil e os primeiros brotos verdes se destacando, sinalizando o início de um novo ciclo. Esse momento é um reflexo da constante adaptação da comunidade às condições naturais e dos conhecimentos ancestrais que continuam a orientar a prática agrícola.

O surgimento da jovem planta de mandioca em um solo previamente queimado é um exemplo vívido da prática agrícola tradicional utilizada pelos quilombolas. A persistência dos quilombolas em cultivar alimentos essenciais demonstra uma resiliência notável. É uma forma de resistência, que vai além do simples cultivo da terra, incorporando inovação e sustentabilidade na agricultura familiar, baseando-se em práticas que unem o saber tradicional e as necessidades contemporâneas.

8ª Imagem – O tucupi da Resistência Quilombola



Fonte: Bianca Leão

O recipiente com tucupi repousa em uma bacia, acompanhado de uma cuia de madeira. O tucupi, extraído da mandioca brava por meio do tipiti, é um líquido que, se consumido cru, pode ser venenoso. No entanto, quando cozido de forma adequada, transforma-se em uma iguaria única da culinária paraense, apreciada por seu sabor e suas propriedades. Este alimento, como parte integrante da dieta tradicional, carrega em si a história de resistência e autonomia alimentar dos povos que o cultivam.

O cultivo e preparo do tucupi não são apenas práticas agrícolas; são estratégias de sobrevivência que remontam à resistência dos quilombolas e seus ancestrais. Ao fugir da escravidão, esses povos restabeleceram um vínculo profundo com a terra, utilizando-a para garantir sua liberdade e subsistência. O domínio sobre o cultivo da mandioca e a transformação de seus produtos, como o tucupi, reflete a adaptação e a evolução de técnicas agrícolas que preservam os saberes ancestrais. Dessa forma, o tucupi simboliza mais do que uma tradição culinária; ele é um testemunho vivo da capacidade dos quilombolas de se reinventarem enquanto preservam sua identidade, mantendo viva a memória de um povo que se recusa a ser apagado.

9ª Imagem – Produção de Farinha



Fonte: Bianca Leão

A produção de farinha, realizada de maneira tradicional até os dias de hoje, representa um patrimônio cultural profundamente enraizado na história e nas práticas econômicas da comunidade quilombola. O processo, que envolve etapas como a queima da roça, a colheita e a torrefação da mandioca, é muito mais do que uma técnica agrícola. Ele simboliza a resistência e a resiliência dessas comunidades, mantendo viva a memória de seus ancestrais e a conexão com a terra. O trabalho coletivo, presente em cada fase da produção, fortalece os laços da agricultura familiar, onde cada membro contribui para o sustento e para a preservação de saberes passados de geração em geração.

Essa prática de produção de farinha não se limita a ser uma simples estratégia de sobrevivência. Ela é, na verdade, uma afirmação de identidade, uma forma de resistência ativa contra um sistema que historicamente privou essas comunidades de acesso à terra, à dignidade e à autonomia econômica. Ao continuar com esses métodos tradicionais, a comunidade não apenas garante a continuidade de seu sustento, mas também reafirma sua soberania alimentar e cultural, desafiando um modelo de desenvolvimento que muitas vezes marginaliza suas práticas e saberes. Assim, a produção de farinha transcende seu papel funcional, tornando-se um ato político e um símbolo da luta por reconhecimento e dignidade.

10ª Imagem – Terra

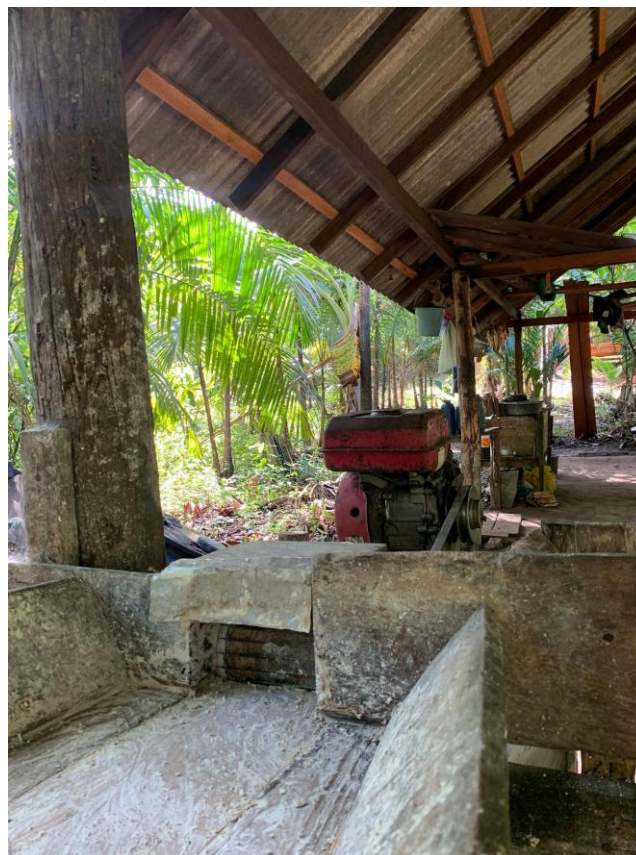


Fonte: Bianca Leão

A imagem capturada nos revela uma área de roça marcada por sinais de queimada controlada, uma prática ancestral utilizada para preparar o solo para o plantio. Nesse cenário, as pequenas manivas brotam, refletindo a continuidade da agricultura tradicional. O cultivo da terra, com suas técnicas adaptadas à realidade local, não é apenas um ato agrícola, mas uma forma de resistência diante das ameaças constantes que a comunidade enfrenta, com a grilagem de terra, as tentativas de expulsão e as dificuldades para regularizar seus territórios.

O direito à terra é, de fato, uma das maiores batalhas que os quilombolas enfrentam. A luta por um território reconhecido é a luta pela preservação de sua identidade, e por sua sobrevivência. Mesmo diante de tantas adversidades, o compromisso com o cultivo da terra, sustentado por práticas agrícolas tradicionais, demonstra a resiliência dessas comunidades. A persistência em manter esses modos de vida não é apenas uma questão de subsistência, mas também um ato de afirmação cultural e territorial, em que o território não é apenas um pedaço de solo, mas sim o fundamento de uma história de resistência e de pertencimento que se transmite de geração em geração.

11ª Imagem – A Casa de Farinha



Fonte: Bianca Leão

A imagem do caititu, com sua estrutura que mescla elementos tradicionais e modernos, ilustra de maneira clara a adaptação dos quilombolas à evolução das tecnologias, sem perder suas raízes culturais. O motor vermelho, visivelmente desgastado, representa a maneira como as práticas ancestrais de cultivo e processamento da mandioca foram adaptadas, incorporando a tecnologia para otimizar o trabalho sem abrir mão dos saberes tradicionais. A presença das mandiocas descascadas, dispostas sobre a estrutura, reforça a continuidade da tradição, evidenciando que, mesmo diante das inovações, as práticas ancestrais ainda são essenciais para a construção e preservação da identidade quilombola. Como Geertz (1989) aponta, a cultura está nos detalhes do cotidiano, e essa cena se configura como um reflexo da resistência cultural, onde os quilombolas conseguem preservar e transformar suas práticas em um cenário de constante adaptação.

O interior da casa de farinha, por sua vez, é um local que nos conecta diretamente com a simplicidade e a funcionalidade do trabalho coletivo. As tábuas de madeira, gastas pelo tempo, e os utensílios manuais usados na torrefação da farinha revelam o caráter artesanal da produção. A luz suave que entra pelas folhas da vegetação cria uma atmosfera de intimidade, onde o trabalho não é apenas uma tarefa cotidiana, mas um ato impregnado de significados e tradições. Ali, homens e mulheres se alternam no processo de produção, reforçando a ideia de coletividade e união, fundamentais para a manutenção da cultura quilombola. A casa de farinha, portanto, não é apenas um espaço de produção alimentar, mas um ponto de encontro onde se transmitem saberes, se reforçam laços e se perpetua a memória cultural.

12ª Imagem – A Estrada de Barro



Fonte: Bianca Leão

A imagem do homem caminhando por uma estrada de barro, com um paineiro nas costas, é um retrato simbólico da relação profunda que os quilombolas mantêm com sua terra e sua história. A estrada serpenteia através da vegetação densa, conectando não apenas os espaços físicos da comunidade, mas também os trajetos carregados de memória e resistência. Esse caminho é mais do que uma simples rota de deslocamento; ele é um elo entre as casas, os roçados e os locais de comercialização da produção, refletindo o processo de resistência contínua dos quilombolas. Como destaca Ribeiro (1995), a territorialidade quilombola não é apenas definida por limites geográficos, mas é construída através da memória coletiva e dos significados atribuídos aos espaços que são vividos e transformados ao longo do tempo. A caminhada, portanto, se configura como uma metáfora da luta por autonomia e pela preservação de um modo de vida que se resiste ao apagamento.

Esse trajeto não é apenas físico, mas reflete também as complexas dinâmicas de sobrevivência e de afirmação cultural que permeiam o cotidiano da comunidade quilombola. A estrada, rodeada pela vegetação exuberante, simboliza o equilíbrio que os quilombolas buscam entre sua presença e a natureza ao seu redor. Em meio aos desafios impostos pela expansão da agricultura predatória e pela especulação fundiária, o caminhar solitário do homem se torna um reflexo da luta pela manutenção de um território que é tanto um espaço de vida quanto um espaço de resistência. A jornada do quilombola, difícil e marcada pela adversidade, carrega em si a coragem e a determinação de um povo que busca pelo reconhecimento de seus direitos e pela afirmação de sua identidade.

13ª Imagem – As Mandiocas Descascadas Prontas para o Processo



Fonte: Bianca Leão

Na masseira de madeira, as mandiocas descascadas repousam, prontas para seguir para a próxima etapa do processo. Este simples momento carrega consigo a continuidade de um ciclo vital, que começa com o cultivo na terra e culmina no alimento que sustenta a família e a comunidade. A escolha do recipiente de madeira e o cuidado no manuseio das raízes evidenciam o respeito e a reverência por um alimento essencial, que, além de suprir as necessidades nutricionais, se tornou um símbolo de identidade e pertencimento para o povo quilombola. Cada mandioca, ao ser preparada com tanta atenção, carrega consigo um saber ancestral que transcende o simples ato de alimentar, representando a preservação de práticas tradicionais e de um modo de vida que resiste ao tempo.

Ao fundo, um trabalhador faz uma pausa, demonstrando a exigência da rotina agrícola e a resiliência da comunidade diante do esforço diário. Esse momento de descanso, inserido na dinâmica do trabalho coletivo, revela a intensidade do processo que envolve não apenas a produção de alimento, mas também a manutenção de uma cultura e de um sistema de vida. O trabalho árduo e constante, intercalado com pequenos momentos de pausa, reflete a relação profunda entre os quilombolas e sua terra, sempre respeitando o ciclo natural e reafirmando a importância do sustento coletivo e da autonomia alimentar.

14ª Imagem - Crianças tomando banho no Rio Moju



Fonte: Sandro Barbosa

15ª Imagem - Homem em uma Rabeta



Fonte: Sandro Barbosa

16ª Imagem - Estrada de barro



Fonte: Sandro Barbosa

17ª Imagem - Pessoas observando



Fonte: Sandro Barbosa

18ª Imagem - Barco navegando



Fonte: Sandro Barbosa

19ª Imagem - Retiro perto de casas



Fonte: Sandro Barbosa

20ª Imagem - Casa dos professores



Fonte: Sandro Barbosa

21ª Imagem - Pessoas Esperando para atravessar o rio



Fonte: Sandro Barbosa

22ª Imagem - Estrada



Fonte: Sandro Barbosa

23ª Imagem - Entrada da comunidade e o campo de futebol



Fonte: Sandro Barbosa

24ª Imagem - Trapiche da comunidade



Fonte: Sandro Barbosa

25ª Imagem - Beira do rio seca e criança



Fonte: Sandro Barbosa

26ª Imagem - Ponte da comunidade



Fonte: Sandro Barbosa

27ª Imagem - Pessoas Jogando bola



Fonte: Sandro Barbosa

Conclusão

A fotoetnografia permite um mergulho sensível e aprofundado nesse universo, oferecendo um olhar que vai além do aparente. Mais do que simples registros, as imagens capturam gestos que carregam significados profundos, evidenciando a transmissão de saberes e a continuidade das tradições. A senhora que prensa a massa no tipiti não apenas repete um movimento aprendido; em cada pressão, imprime a memória de suas ancestrais, perpetuando um conhecimento que molda identidades.

Da mesma forma, o homem que desenterra a mandioca sente, entre os sulcos de suas mãos calejadas, a continuidade de um ciclo que começou muito antes dele e seguirá por gerações. O cesto de palha, pacientemente trançado pelas mãos da minha avó, não é apenas um objeto funcional, mas um testemunho da relação entre o saber tradicional e a terra. Cada fibra entrelaçada carrega histórias, reafirmando o vínculo entre a comunidade e a natureza. Assim, a fotografia não apenas documenta, mas preserva e valoriza esse legado, tornando visível o que, muitas vezes, passa despercebido.

Cada detalhe carrega consigo uma narrativa silenciosa, mas profundamente expressiva. O brilho do suor sob o sol escaldante, os galhos secos espalhados pelo roçado, o olhar atento das mulheres que transformam a mandioca em alimento – tudo isso compõe um mosaico de resistência e pertencimento. À primeira vista, são cenas simples do cotidiano, mas, ao olhar com mais profundidade, revelam a luta contínua de um povo que enfrenta desafios sem perder a conexão com sua história. A cada gesto, reafirma-se um compromisso com a terra, com a tradição e com a construção de um futuro que respeite as raízes.

Cada imagem registrada nos oferece um olhar profundo sobre a vida cotidiana das comunidades quilombolas, trazendo à tona não apenas os gestos e o trabalho árduo, mas também os valores que sustentam essa cultura. A mandioca, sempre presente, transcende o papel de simples alimento, tornando-se um símbolo de resistência, identidade e continuidade de uma luta que se perpetua através do tempo. Como Arruti (2006) observa, ela representa uma conexão vital entre o passado e o presente, refletindo a força de um povo que, mesmo diante de inúmeros desafios, mantém suas raízes fincadas no solo, na cultura e nas práticas ancestrais.

Cada mandioca plantada, cada casa de farinha que permanece em funcionamento, são conquistas que não apenas garantem a sobrevivência, mas afirmam o pertencimento e a autonomia do povo quilombola. Essas conquistas, frequentemente invisíveis para a sociedade em geral, são retratadas em cada imagem, revelando o vigor e a persistência de uma comunidade que, como afirma Gomes (2015), não apenas sobrevive, mas se reinventa, reafirmando sua importância para a história e identidade do Brasil. As imagens capturadas, portanto, não são apenas registros visuais, mas uma forma de resistência simbólica que preserva e transmite a memória de um povo.

A fotoetnografia, enquanto ferramenta de registro e narrativa, vai além da simples representação visual. Ela nos permite sentir a energia da comunidade através das expressões nos rostos, nas mãos calejadas e no suor que escorre pela pele, revelando não apenas o esforço físico, mas também o compromisso com a continuidade cultural e com a preservação de um modo de vida. Como Geertz (1989) destaca, é nos pequenos gestos do cotidiano que a cultura se revela, e essas imagens se tornam um testemunho palpável da relação intrínseca entre o povo quilombola e seu território, um laço indissolúvel que atravessa gerações.

As fotografias registradas não apenas capturam cenas do cotidiano das comunidades quilombolas, mas também expõem a profunda conexão entre essas pessoas e a terra que cultivam. Através das imagens, somos transportados para o coração da agricultura familiar tradicional, onde a mandioca, como principal alimento, torna-se mais do que um simples produto agrícola, mas um símbolo da resistência e da permanência dessas culturas. Como argumenta Silva (2020), essas imagens não se limitam a ser registros fotográficos, mas sim representações visuais de uma luta histórica, da preservação de saberes ancestrais e do papel fundamental que essas comunidades desempenham na economia e na identidade do Brasil.

Essas imagens, ao capturar os gestos, as expressões e os ambientes de trabalho dos quilombolas, ressaltam também as importantes contribuições dessas comunidades para a preservação da biodiversidade e o fortalecimento de sua identidade cultural. A visibilidade dessas realidades, como destaca Carneiro (2008), é essencial para sensibilizar a sociedade, ampliando o reconhecimento e a inclusão desses grupos que, muitas vezes, ainda são marginalizados. Essas fotos nos ajudam a entender que a

preservação de seus modos de vida não é apenas uma questão de resistência, mas também uma ação ativa de construção de futuro e afirmação cultural.

Além disso, essas imagens refletem a resistência contínua dos quilombolas, que, mesmo diante de desafios socioeconômicos e políticos, mantêm suas tradições vivas. A luta por seus direitos territoriais e a preservação de sua cultura são vitórias importantes que merecem reconhecimento. Como aponta Munanga (2019), reconhecer as comunidades quilombolas como parte essencial do patrimônio cultural brasileiro é um passo fundamental para garantir o respeito a seus direitos e a inclusão em uma sociedade mais justa. Valorizar o saber quilombola, como enfatiza Nascimento (1980), não só fortalece essas comunidades, mas também enriquece a diversidade cultural do Brasil, tornando-se um alicerce para a construção de uma soberania alimentar verdadeira e inclusiva.

A fotoetnografia se configura como uma ferramenta poderosa para dar visibilidade à luta e à resiliência da comunidade quilombola, permitindo que cada imagem capturada se transforme em um testemunho da persistência e da identidade da comunidade. Cada fotografia, analisada com atenção, carrega consigo uma narrativa de resistência, evidenciando a relação íntima com a terra, o domínio das técnicas agrícolas e a força da coletividade que sustenta esse modo de vida. Conforme Bourdieu (2003) argumenta, a fotografia é capaz de revelar dinâmicas sociais muitas vezes invisíveis a um olhar desatento, funcionando como um documento que subverte estereótipos e amplifica as vozes de quem, historicamente, foi marginalizado. Dessa forma, a fotografia se torna muito mais do que um simples registro; ela se transforma em uma ferramenta de empoderamento e uma afirmação cultural.

No contexto da comunidade Ribeira do Jambuaçu, a fotografia emergiu como um instrumento etnográfico essencial, não apenas para preservar a memória coletiva, mas também para destacar a importância das práticas agrícolas tradicionais que são pilares da identidade local. Através dessa prática, conseguimos reviver e perpetuar o conhecimento ancestral, assegurando que as gerações futuras compreendam e reconheçam a relevância cultural e histórica dessas práticas. Como destaca Cunha (2019), ao dar visibilidade às comunidades quilombolas, a fotografia não só resgata suas

tradições, mas também fortalece a luta por seus direitos e o reconhecimento de sua contribuição vital para a sociedade.

Portanto, a luta quilombola vai além do simples ato de resistência; ela busca, acima de tudo, o reconhecimento de sua história e a permanência de suas práticas culturais. A fotografia, nesse sentido, serve como um canal vital para amplificar essas vozes, oferecendo uma plataforma para que as comunidades possam se afirmar e conquistar o respeito que merecem. Este trabalho, portanto, não se limita a registrar imagens, mas busca provocar reflexão e engajamento, incentivando uma maior visibilidade e respeito à comunidade Ribeira do Jambuaçu e a todas as outras que seguem firmes em sua resistência, mantendo vivas suas raízes culturais.

Referências

- ANDRADE, G. C.; CASTRO, M. R. N. Por uma etnonarrativa imagética decolonial amazônica: A potência emancipatória da estética de Nay Jinkns. In *Socialidades e sensibilidades amazônicas* / Marina Ramos Neves de Castro ... [et al.], organizadores. — Belém: NAEA, 2024.
- ARRUTI, J. M. *Mocambo: Antropologia e história do processo de formação quilombola*. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.
- BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BONI, P. C. MORESCHI, Bruna Maria. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. Disponível em http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf Acessado em: 15 de junho de 2012.
- BOURDIEU, P. *A fotografia: um meio de comunicação entre outros*. In: O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CARNEIRO, S. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São Paulo: Pallas, 2008.
- CASTRO, M.R.N. *As Formas Sociais do Gosto*. Sensorialidades E Sensibilidades na Feira do Guamá. Curitiba: Appris, 2024.
- CASTRO, M. R. N.; VIEIRA, L. A.; SANTOS, C. J. N.; DIAS, A. N. Imagéticas identitárias amazônicas: A fotografa de Walda Marques no instagram. *Revista Movendo Ideias*, v. 27, n. 1, p. 32-44, 2022.
- CUNHA, M. C. da. *Quilombos: modos e significados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

- GOMES, F. S. *História de Quilombolas: Mocambos e comunidades de senzala no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- MUNANGA, K. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 2019.
- NASCIMENTO, A. *O Genocídio do Negro Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- SANTA BRÍGIDA, J; CASTRO, M. Imagem e estética decolonial nas fotografias de Nayara Jinkss. In *Eu narro, tu narras: Tramas da memória, da palavra, do esquecimento em territórios amazônicos e outros lugares* / organizador Elderson Melo de Miranda. Rio Branco: Nepan, 2023.
- SILVA, M. C. *Territórios Quilombolas e Sustentabilidade: Conflitos e resistência no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2020.
- Research Method*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1986.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCOTT, J. C. *Os dominados e a arte da resistência: discursos ocultos*. São Paulo: Editora UFMG, 2008.
- VIEIRA, L. A.; CASTRO, M. R. N. Fotografia e sensorialidade: Os métodos sensoriais de Chikaoka. *Asas da palavra*, v.19, n. 1, p. 21-40, 2022.